

# Fundos podem aplicar US\$1,5 bilhão

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

Os fundos de conversão, que vão transformar a dívida externa em aplicações diretas em ações negociadas nas bolsas de valores, tiveram uma atuação bastante modesta no primeiro leilão de deságio, realizada no mês passado, no Rio.

Os fundos ficaram com apenas US\$ 1,9 milhão dos US\$ 75 milhões leiloados para investimento na área livre (as regiões do País, exceto as chamadas áreas incentivadas, que incluem Norte, Nordeste, Espírito Santo e Vale do Jequitinhonha).

Mas, segundo a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), já existem 33 fundos de conversão aprovados que prometem transformar em investimento direto nas bolsas US\$ 1,5 bilhão da dívida externa.

Apesar da decepção dos investidores, para os especialistas era previsível que os fundos não tivessem uma atuação no primeiro leilão de conversão. "Há muitos projetos de conversão direta que estão acertados há tempo e naturalmente tomaram a dianteira no leilão", explica Manoel Felix Cintra Neto, diretor-gerente-geral da divisão financeira do grupo Multiplic.

O próprio Multiplic, dos US\$ 15,6 milhões que arrematou no leilão, destinou apenas US\$ 200 mil para o seu fundo de conversão, cuja meta é ter um patrimônio de US\$ 50 milhões. O restante do valor foi arrematado em nome do investidor francês Banca Arabe D'investissement, que aplicou em empresas do grupo do empresário Naji Robert Nahas. Um dos projetos beneficiados é a construção de um hotel, cujo terreno já estava até comprado e aguardava apenas os recursos da conversão para ser construído. Assim como esse, vários outros projetos estavam iniciados, mas dependiam dos recursos da conversão para ter andamento e, portanto, receberam prioridade.

A PNC International Corretora de Câmbio, Títulos e Valores Mobiliários, que já fez uma consulta à CVM para registrar seu fundo de conversão, aplicou todos os US\$ 10 milhões arrematados no primeiro leilão em sua empresa PNC Comércio, Participações e Serviços Ltda., que precisava capitalizar-se.

## AS DUAS PONTAS

Miguel Feitosa, presidente da PNC, explicou a este jornal que grande parte dos fundos estava pronta no Brasil, mas não no exterior, e não pôde atuar no leilão. "Para fazer o fundo é preciso ter as duas pontas. Formá-lo não só no Brasil mas também no exterior, vender a idéia aos investidores estrangeiros, fazer prospectos, convencê-los a correr o risco. E isso demora."

Por isso, várias instituições que já possuem fundos arremataram no leilão apenas o suficiente para integralizar o capital mínimo necessário, que é de CZ\$ 10 milhões. Foi o caso do Digibanco e do Credibanco, que converteram para seus fundos US\$ 100 mil cada um, apesar de o patrimônio projetado ser de, respectivamente, US\$ 50 milhões e US\$ 20 milhões.

A Guilder Corretora de Câmbio e Títulos S.A., que foi a grande compradora do leilão ao arrematar US\$ 23,5 milhões, levou para o fundo apenas US\$ 300 mil; o restante ficou com investidores interessados em projetos de conversão direta.

Eduardo Filinto da Silva, diretor vice-presidente da Guilder, revela a mesma preocupação de Feitosa em relação à colocação do fundo de conversão no mercado externo. E conta que a corretora já se aparelhou para fornecer informações aos investidores dentro dos padrões internacionais.

Como explica João Marcus Marinho Nunes, diretor da Guilder, "é preciso dar informações analíticas para quem está fora do Brasil."

Informações não só do prisma conjuntural como também um cenário de longo prazo. Afinal, esses recursos vão ficar no Brasil por doze anos".

## BANCO DE DADOS

Com essa finalidade, a Guilder firmou no final do ano passado convênio com a Fundação Getúlio Vargas

de São Paulo objetivando montar um banco de dados para analisar setores da economia brasileira e, dentro deles, determinadas empresas segundo determinados parâmetros.

Entre esses parâmetros, relaciona não apenas os tradicionais indicadores de

investimento como, o preço/lucro (preço da ação dividido pelo lucro projetado, cujo resultado é considerado como o número de anos em que o investidor terá seu dinheiro de volta pela geração de lucro pela empresa), valor patrimonial da ação, mas também seu

nível de endividamento, sua atuação nas exportações e, principalmente, o fluxo de caixa, descontada a inflação.

Andrea de Lamare, diretora do Digibanco, lembra ainda que será importante acompanhar o *pay out*, relação entre os dividendos

pagos e o preço da ação, um indicador pouco considerado no Brasil por causa da inflação elevada, mas muito observado pelos investidores estrangeiros, o que deve levar as empresas a se preocuparem mais com as distribuições de dividendos.

Também muito importante será fornecer dados em moeda constante, o dólar, para facilitar a avaliação dos estrangeiros não só pelo uso de uma moeda internacional mas também porque isso expurgará os efeitos inflacionários sobre os resultados.